

## **VAMOS BATER UM BOLO?**

### **AQUENDAÇÕES EM REDE NAS TRAMAS DO ENVELHECIMENTO<sup>1</sup>**

Felipe da Silva Ponte de Carvalho<sup>2</sup>; Richard Roseno; Fernando Pocahy<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, [felipe.ponte@uerj.br](mailto:felipe.ponte@uerj.br); [richardsrosenos@gmail.com](mailto:richardsrosenos@gmail.com); [pocahy@uol.com.br](mailto:pocahy@uol.com.br)

**Resumo:** Com o advento das redes sociais na internet (Facebook, WhatsApp, Twitter) novas possibilidades de *aquendação* - (homo)eroticidade, sociabilidades, comunicação, conhecimento, solidariedade - foram potencializadas. Isso se deve ao fato dessas redes agruparem sujeitos que partilham dos mesmos desejos, afetos e prazeres numa mesma ambiência. A presente pesquisa – de inspiração cartográfica - tem por objetivo articular problematizações relacionadas aos modos de produção de significados e das redes de conhecimento sobre (homo)sexualidade, gênero e envelhecimento, a partir do grupo de *Facebook* “E aí, bateu?”. O trabalho cartografa algo da agonística do corpo e prazer e encontra-se articulado com o campo dos estudos de gênero e sexualidade em perspectiva discursivo-desconstrucionista, interseccionado em gênero, raça e geração (entre outros marcadores de diferença). A partir das práticas dos usuários no grupo, a pesquisa em tela mapeou redes enunciativas que indicam (alguma) dissidência à heterocisgerontonomia, bem como acompanhou partilhas de desejos e de prazeres em modo *online*.

**Palavras-chave:** Facebook. Aquendação. Envelhecimento. Cartografias. Redes educativas em gênero e sexualidade.

### **Batendo e Partilhando Receitas de Bolo nos *Espaçostempos* do Facebook**

Com a explosão das “comunidades virtuais” (LÉVY, 2010), “redes sociais digitais” (SANTAELLA & LEMOS, 2010), “redes sociais na internet” (RECUERO, 2009) ou “sistemas de redes sociais” (CALVÃO, PIMENTEL e FUKS, 2014), múltiplas formas de comunicação e de sociabilidades passam a compor novas ambiências e práticas culturais. Esse cenário, segundo Lucia Santaella (2010), é marcado pelos verbos expor-se, trocar, interagir, colaborar e partilhar – elocuições desde as quais somos interpelados a fazer coisas/ praticar/ performar.

As redes sociais na internet (RSI) são compostas por atores (perfil, página, grupo) que “atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através de interações e da constituição de laços sociais”

---

<sup>1</sup> Este estudo está vinculado aos projetos coordenados pelo Prof. Fernando Pocahy nos editais CHS-CNPq-2015 e JCNE-Faperj-2014.

<sup>2</sup> <http://orcid.org/0000-0001-7398-6171>

<sup>3</sup> <http://orcid.org/0000-0002-7884-4647>

(RECUERO, 2009, p. 25) e por conexões que “são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores” (idem, p. 30). Essas ambiências *sociotécnicas* possibilitam aos atores promoverem interatividade, construção de práticas, negociação de sentidos e de tecerem conexões que dão potência a constituição de laços, que podem ser laços fortes (caracterizados por conta da intimidade, proximidade e intencionalidade em manter a conexão entre os usuários) e laços fracos (caracterizados por relações esparsas, não traduzem proximidade e intimidade). Laços esses, que para Recuero (2009), são sempre relacionais, dado que as interações, por meio da partilha de mensagens, reações e conteúdo, possibilitam a conexão entre os atores envolvidos.

Nesse sentido, o trabalho em tela é um desdobramento de nossos mergulhos no cotidiano das “redes educativas” (ALVES, 2012) do grupo de aquendação “E aí, bateu?” na RSI *Facebook*. Esse estudo (mergulho em redes) tem como objetivo articular problematizações relacionadas aos modos de produção de significados e das redes de conhecimento sobre (homo)sexualidade, gênero e envelhecimento, entre batidas e compartilhamentos de receitas de bolo.

Bater um bolo é um chamamento para masturbação, que pode acontecer *online* via vídeo-chamada, podendo ser adicionado diversos usuários ao mesmo tempo ou *offline* quando os usuários se encontram no presencial. O convite a qualquer hora do dia surge irrecusável a muitos usuários da rede: “*vamos bater um bolo?*”. Curtidas e reações se multiplicam a partir do convite, geralmente apresentado num meme. Ampliam-se rapidamente a extensão do ‘despretensioso’ convite em sequências de publicações em resposta, informando que a proposta é mais quente: “E aí? Vamos bater uma?”, isto é, vamos partir para a aquendação *online*? Se antes o homem cisgênero precisava sair de casa, direcionar-se a um banheiro público, um parque ou um jardim para que pudesse conhecer outras pessoas e realizar desejos homoeróticos, na contemporaneidade basta estar conectado à rede e um grande campo de possibilidades se abre. Tudo isso potencializando interações, ampliações dos espaços de sociabilidade e constituições de laços.

A noção de “aquendar”, argumenta Pocahy (2013, p. 2013), “é expressão usual que se pode oferecer às significações de pegar, fazer e dar atenção, no sentido mais erótico em que se possa conjugar o verbo e/ou oferecer-se à fruição dos prazeres sexuais”, trata-se de uma experimentação linguística que é composta por duas forças de significado: invenção e re/posicionamento político-epistemológico. Valemo-nos dessa insurgência linguística frequente nos espaços de sociabilidade LGBTQ+ (vulgo bate-bate, gíria) para acompanhar os fluxos e os modos de produção de sentido que se abrem em redes que se acoplam nos sistemas enunciativos da cibercultura.

Já partilhar receitas de bater bolo são “táticas” (CERTEAU, 2008) forjadas pelos usuários dos

grupos para não terem seus conteúdos bloqueados, principalmente por serem considerados por alguns moderadores como ‘pornográficos’. Partilhar *receita de bolo* é disponibilizar links com fotos de nudes, indicar filmes pornô, posições sexuais preferidas.... Essa partilha costuma vir acompanhada com a imagem de um bolo para o sistema do Facebook não reconhecer o conteúdo como ‘impróprio’, produzindo e criando ao mesmo tempo redes complexas de afetos, prazeres, desejos, aprendizagens, saberes e subversão as normas.

De acordo com Karla Saraiva (2008), a sociabilidade no ciberespaço é um processo que está expandindo não apenas pela integração de um número cada vez maior de usuários, como também pela ampliação do leque de possibilidades para o encontro. Para a autora (op. cit.), o ciberespaço talvez seja um não-lugar, um lugar de passagem, onde estamos todos em territórios estrangeiros, em que por alguns momentos descansamos numa paragem e contatamos outros estrangeiros. Nos termos foucaultianos: uma heterotopia, talvez. Espaços outros, espaços abertos e suspensos, planos de experimentação que se abrem, fecham, tornam a abrir e a ser outra coisa que não mais aquilo tudo ou ainda aquilo tudo de outro modo. As práticas dos usuários no ciberespaço dão sentido e forma à cibercultura constituída pelas tecnologias digitais em rede – constituindo-se em espaços outros, espaços que se abrem, fecham, reconectam-se no jogo interativo *online-offline*.

## **A Pesquisa Cartográfica em Tempos de Cibercultura: Tecendo o Conhecimento em Rede**

A cartografia cibercultural que empreendemos aqui problematiza as produções éticas-estéticas-políticas do grupo de aquendação “E aí, bateu? no Facebook. Nosso empenho é acompanhar processualidades de desejantes que se instituem no avesso da heteronormatividade, buscando expressão em/na(s) rede(s). O que não significa qualquer garantia de recusa a novos flertes normativos, afinal, a norma é antes de tudo uma relação de poder que se estabelece a fim de regular e tutelar a vontade política do outro – o que nos faz pensar que novos arranjos normativos podem emergir, a partir de nódulos de poder interseccionados a outros marcadores, como raça, performance de gênero, classe, localidade e geração. Esse último marcador é lócus privilegiado de nossas análises, uma vez que o presente trabalho se situa como uma das entradas de problematização na pesquisa Gênero, (Homo)Sexualidade e Envelhecimento<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Projeto financiado nos editais CNPq/CHS-2015 e JCNE/Faperj 2014.

Operamos aqui (de forma não romantizada) na positividade dos *espaçostempos* a que a cibercultura tem possibilitado, especialmente na direção em que se multiplicam relações e modos de (re)existir nas tramas do gênero-sexualidade-envelhecimento. Interessa-nos acompanhar os fluxos de interação intergeracional que vêm expandido e permitido novas conexões de prazer, corporalidade, desejo, abrindo-se inevitavelmente a novas relações (d)e sentidos.

A respeito dos motivos os quais nos movem a tal campo de pesquisa, assumimos o princípio político à visibilidade desses desejos-corpos interpelados abjetos - vidas tuteladas e desqualificas em suas performances de gênero e de sexualidade, “vidas precárias” (BUTLER, 2005; 2015). Muitos idosos gays veem-se coagidos à ocultarem suas expressões de gênero e sexualidade, acabam por reentrar no armário, para usar uma metáfora tão cara aos movimentos de minorias sexuais e de gênero.

Nesse movimento, percebemos a continuidade de uma fratura nos processos identificatórios, uma vez que as novas gerações de pessoas que não se conformam à heteroCisnormatividade se vêm furtadas do convívio e das imagens do envelhecimento que lhes corresponda em termos de autodeterminações de gênero, sexualidade e outras marcações e expressões de vida. Mas esse jogo não é vivido sem contestação. Se de uma parte alguns idosos se veem impelidos à invisibilidade, outros, a partir das RSI, vêm acionando modos de reversibilidade à essas práticas de apartheid social. Outros trabalhos informam igualmente alguns espaços específicos de frequência de idosos (POCAHY, 2012; SANTOS & LAGO, 2015; ROSENO, CARVALHO & POCAHY, 2017).

A cibercultura tem possibilitado *espaçostempos* para contatos intergeracionais, não somente do ponto de vista de uma dissidência homo/erótica (POCAHY, 2011), no sentido em que o corpo idoso passa a ser desejado, mas também como um ciberespaço onde de alguma forma as novas gerações têm acesso a representações do envelhecimento que não somente aquelas impetradas pelas heterocisnormatividades. Consideramos que essas práticas intergeracionais têm potencial de resistência, especialmente porque permitem encontros onde uns apoiam e aprendem com os outros as artes da performance da existência.

Como se movimentam os desejos daqueles os quais não correspondem a uma beleza de centro? Em que *espaçostempos* cotidianos podem expressar-se? Onde os desejos dos não brancos, dos pretos, dos idosos gays se relacionam? A cibercultura tem possibilitado esses encontros os quais o (cis)sistema heteronormativo insiste em desqualificar e manter privilégios. As nossas visitas, participações e observações feitas no grupo de pegação tem como principal objetivo acompanhar movimentos de abertura e expansão dessas vidas e desejos considerados abjetos. O ciberespaço assim como produz norma, também agencia formas de contestação, *espaçotempo* de práticas de

subjetivação (*espaçotempo* relação social por onde alguém se conduz diante de interpelações morais, normativas em rede...)

A partir da democratização ao acesso e interação, onde todos e todas podem comentar, postar e intervir, pensa-se na rede como um espaço no qual idosos, jovens e adultos gays de muitas gerações possam posicionar-se, expressar-se, movimentar-se reafirmando o diálogo entre corpo-desejo-prazer. Certamente essa ‘liberdade’ nos abre desafios éticos-políticos e estéticos. A cibercultura como uma arena cultural se abre tanto à produção de regulações quanto de formas de resistência. Não se está ‘fora’ de uma zona de saber-poder, joga-se apenas outramente com os termos que a cultura impõe como viáveis e possíveis.

### **Cartografando (n) o cotidiano do *Facebook***

O grupo “E aí, bateu?” é composto por mais de 5.000 membros. Nele participamos, interagimos e partilhamos nossas experiências, como usuários desse cotidiano. As experimentações em/de campo na pesquisa iniciaram ao longo do primeiro semestre de 2017 e com elas mergulhamos nesse cotidiano em rede buscando cartografar as partilhas de afetos, de desejos e de experiências homoeróticas interseccionadas desde a questão geracional, racial, de localidade, performance de gênero, dentre outros. Atualmente seguimos conectados a essas redes, ampliando nossas cartografias.

Para isso, atuamos na construção de um conhecimento a partir de uma abordagem teórico-metodológica discursivo desconstrucionista, entendendo que ela potencializa o alargamento das fronteiras discursivas sobre a (homo)sexualidade, gênero e envelhecimento em tempos de cibercultura. A pesquisa então tenta traçar perspectivas outras, “descolonizando” a experiência do homoerotismo dos cânones do corpo gay jovem, branco, sarado, classe média, etc.. É sobre outros arranjos de sociabilidade a que estamos interessados, não no sentido de encontrarmos espaços libertos de qualquer relação de poder-saber-prazer, mas espaços negociados, espaços dissidentes e também espaços por onde outros arranjos e hierarquias pode se (re)estabelecer, agora desde outros fluxos semióticos, ético, estéticos e políticos insurgentes na cibercultura.

O grupo que acompanhamos produz movimentações intensas, marcadas e simbolizadas por publicações que convidam e enunciam significados diversos. As frequentes publicações/convites à aquecedação virtual, através de vídeos, chats e imagens se fazem constantes. Perguntas e interações

se repetem: “Alguém aí afim de bater uma agora?”, seguidas de quase sempre de prontas respostas “Sim, vamos!”. Essa rede educativa de encontros possibilita relações de variadas gerações e nos parece reafirmada pela pluralidade de idades encontradas no grupo. O jogo do *daddy* e *sun*, pai e filho, fazem-se frequente no cenário. O corpo dito velho é organizador dessa sociabilidade, mas guarda ainda algumas marcas normativas, exigindo-se “boa aparência”. Em princípio, podemos ler esse requisito como uma sorte de concessão. Mas se a rede não é exclusivamente um espaço de liberdade, já que esses espaços estão sempre marcados pela norma e por jogos de poder, no entanto, vale ressaltar seu potencial de agência, através da indução a novos sentidos diante dos estabelecidos, diante do que em princípio parece institucionalizado. E nesse sentido, observamos desobediências a essas prescrições. Colamos nosso argumento em Oliveira, quando afirma que, a exemplo das práticas cotidianas escolares, estamos “procurando nelas, não as marcas da estrutura social que as iguala e padroniza, mas, sobretudo, os traços de uma lógica de produção de ações de sujeitos reais, agentes de suas vidas irredutíveis à lógica estrutural, porque plural e diferenciada” (OLIVEIRA, 2001, p.43). Sem nunca estarmos desatentos aos perigos dos flertes com a norma, interessa-nos acompanhar aquilo que os sujeitos produzem em termos de desobediência às normas. Afinal, o discurso não é nosso destino: fazemos coisas com ele, da mesma forma em que os discursos intentam produzir nossas vidas, desejos, prazeres e espaços-tempos de existência/territórios de existência.

A rapidez e instantaneidade das publicações no grupo são notáveis, as postagens/convites exigem resposta e interação com caráter de clamor e urgência, evidenciado em falas como “Estou quase gozando, alguém pra me ajudar?”, frases essas quase sempre seguidas da palavra “agora”, ressaltando a necessidade de diálogo e interação em cada postagem em tempo real. A rede não apenas afasta ou torna virtuais relações, mas possibilita outros modos de homoeroticidade. O grupo gira em torno de pegações *online* rápidas, onde o convite de “Vamos gozar?” anuncia o novo modo de pegação, onde não há a necessidade de saber com quem se fala, de onde esse fala ou a identidade dessa pessoa, mas sobretudo o interesse pela imagem compartilhada provocando um alargamento nas estruturas das relações. A abertura no convite “Alguém afim de punhetar e gozar agora gostoso junto comigo? Vem de chat” anuncia a facilidade de interação entre os membros e a abertura a um novo espaço de troca e realização de prazeres, já que a rede tem sido esse espaço no qual possibilita novos modos de homoeroticidades.

O cotidiano cartografado é evidenciado por seus usuários (e para nós, também ali usuários) como *espaçotempo* importante, ciberespaço potente às expressões e experimentações da sexualidade. A literatura sobre o envelhecimento salienta a dificuldade de envelhecer marcado pela

sexualidade fora da heteronorma, essa a qual faz com que alguns idosos gays vivam seus dias de velhice na solidão, e sem a quem recorrer, tornam-se mais vulneráveis aos efeitos da homofobia, como a violência ou mesmo o sofrimento psíquico.

A população LGBT tem resistido à passagem de tempo, mesmo que o (cis)sistema perpetue contra essa resistência. A situação de idosos LGBTs vem se tornando uma preocupação ainda tímida em termos de políticas públicas e movimento social. Onde estão esses idosos gays, que muitas vezes precisam retomar antigos modos de lidar com a sexualidade, como a figura do armário? De outra parte, muitos usam a cibercultura como um novo espaço de sociabilidades, como uma forma de escape a essa solidão (ou ideia de solidão construída pelo nosso imaginário). Questão de fato que deixa evidente que o grupo acompanhado além de ser um espaço de aquedação, é de reinvenção e resistência.

A foto de capa do grupo “E aí, bateu?” é de um rapaz jovem, de pernas grossas e de sunga vermelha, indicando quem está acima e domina aquele espaço de vivências virtuais: o homem branco, sarado e de classe média. Imagem essa, inabalável, que permanece reinando, acima de todas as outras postagens de qualquer membro do grupo, talvez esteja ali não só para simbolizar o padrão de beleza ideal, mas também para afirmar o corpo modelo o qual os membros devam ao menos estarem próximos esteticamente. Imagem essa não apenas erótica mas também reguladora relembrando o modelo de corpo ideal.

O grupo funciona também como uma vitrine, na qual o corpo que se assemelha ao branco e heterossexual possui poder e maiores curtidas sobre os outros ditos afeminados e não brancos. De fato, a norma também é representada nesses espaços virtuais, os quais refletem nossos cotidianos cheios de marcas normativas. A intenção não me parece que seja fugir da norma, mas pensar nesses novos espaços como novas possibilidades a desejos outros que são reprimidos e negados em nosso cotidiano. Espaço esse onde encoraja idosos a se esporem, a se afirmarem e dizerem quem são, se relacionando uns com os outros e criando novos laços.

O laço é a afetiva conexão entre atores que estão envolvidos nas interações. Ele é resultado, deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes. Laços são formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social (RECUERO, 2009, p. 38-39).

Por outro lado, o objetivo principal do grupo é a aquedação (POCAHY, 2013), o sexo, o prazer, espaço esse que a RSI tem possibilitado existir, uma vez que o cotidiano é extremamente regulador sobre sexualidades de idosos gays. A RSI tem oferecido um lugar, embora não livre de regulações, a expressar esses desejos marginalizados. Sem escapatória, muitos permanecem sem

poderem ser eles próprios, sem poderem expressar seus desejos, afetos e sexualidades. A RSI então, embora cheia de regulações, possibilita também uma linha de fuga nesses cotidianos tão duros e marcados pela velhice normativa e colonizada.

O medo de estar só fica também evidente em algumas postagens no grupo, as quais deixam nítidas as vontades dos usuários de terem um companheiro fixo para trocarem afetos. Medo esse, que faz com que muitos idosos gays se recusem (por não poderem) a expressar suas sexualidades, marcados por normas impostas pela heterossexualidade cristã a qual tende a regular e classificar como improprias, anormais e pecadoras tais tipos de comportamentos sexuais fora do centro. Percebido assim que os não lugares de onde surgem as postagens nos grupos, algumas vêm de perfis falsos, anônimos, sem rostos ou identificações existentes, salientando o medo de expor-se e deixarem evidentes suas sexualidades não normativas. No entanto, a pluralidade das postagens reflete variações de desejos e de identificações, talvez como gritos sufocados por regulações e imposições morais que pedem visibilidade e vontade de dizer: “ eu existo, eu estou aqui, eu quero ser o que quiser... talvez até ser feliz”

## **Reflexões cartográficas em rede**

A população LGBTQ+ que sobreviveu a AIDS (e sobrevive) e que lutou (e luta) por direitos, está a envelhecer. Seus dias de fato embora sejam representados quase sempre em solidão como se pode ver em filmes, narrativas de militantes ou mesmo em alguns estudos científicos, notamos que há resistência. A cibercultura tem possibilitado novos movimentos e novos encontros. Idosos gays tem se ‘adaptado’ ao novo modo de conectar-se, estando disponíveis ao leque de aberturas ao que estar por vir. A imagem típica de um idoso sozinho não é a única e não poderia ser a única existente, ao menos é o que podemos acompanhar em redes de aquedaçãoe em alguns estudos. Muitos envelhecem usufruindo das possibilidades que a cultura tem promovido. As tramas e dificuldades de cada membro do grupo se reafirmam em falas que buscam parceiros fixos, garotos de programa, encontros, sexos rápidos ou sexo virtual. Os membros do grupo a todo tempo exalam essa energia e vontades de vida. Cada postagem marcada por desejos tão potentes, nos dá a pensar que o que move muitos deles e a nós até/ em rede a rede é a vontade de prazer e continuar sentindo-se vivos.

O que se pode ainda afirmar no grupo de aquedação “E aí, bateu?” é seu caráter de

abrangência geracional, onde habitam gerações diversas de homens gays, em diferentes fases da vida, essas as quais se misturam e se relacionam no grupo, onde idosos e jovens gays se apresentam e trocam convites para vídeo chamadas, fotos e, muitas vezes, conectam-se para além da RSI Facebook, ampliando o contato para o *Whatsapp* e outros encontros *offline* (aqui podem ser entendidos como presenciais).

Nas redes ciberculturais do tesão, acompanhamos a insurgência de novos acoplamentos do desejo. Novos arranjos e possibilidades para corpos que foram/são enfeitados pela *heterocisgerontonormatividade*. Muitos são os desafios nessa trama que recusa certa forma de abjeção, mas que também flerta com outros enunciados normativos. De toda sorte, o território está em disputa. Basta dar um click e entrar na rede para aquendar ou desaquendar<sup>5</sup> com *jogos de verdade*. Depois disso dá até para fazer um bolo, sozinho ou acompanhado e, por fim, partilhar receitas de bolo.

## Referências:

- ALVES, Nilda. **Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**. Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Humain, inhumain**. Le travail critique des normes. Entretiens. Paris: Éditions Amsterdam, 2005.
- CALVÃO, Leandro Dantas; PIMENTEL, Mariano; FUKS, Hugo. **Do email ao Facebook: Uma perspectiva evolucionista sobre os meios de conversação da internet**. Rio de Janeiro: Ed. UNIRIO, 2014.
- CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LÉVY, Pierre. **A mutação inacabada da esfera pública**. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre (Org). O futuro da internet: em direção a uma democracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

---

<sup>5</sup> Assim como o termo êmico aquendar se presta a entrar em uma ação, num investimento qualquer, o seu oposto, desaquendar, significa desinvestir, sair, deixar, abandonar algo.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **A Produção cotidiana de alternativas curriculares**. In: XXIV Reunião anual da ANPED, 2001, Caxambu. XXIV Reunião Anual da ANPED. Caxambu: ANPED, 2001.

POCAHY, Fernando Altair. **A velhice como performativo: dissidências (homo)eróticas**. EX Aequo(Oeiras). , v.26, p.43 - 56, 2012.

\_\_\_\_\_. In.: FILHO, Fernando Silva Teixeira; PERES, Wiliam Siqueira; RONDINI, Carina Alexandra; e SOUZA, Leonardo Lemos de Souza (Orgs.s). **Queering: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea**. Mato Grosso: Cuiabá, Editora da Universidade Federal de Mato Grosso (EdUFMT), p. 213-234, 2013.

\_\_\_\_\_. DORNELLES, Priscila Gomes. **Gênero, sexualidade e envelhecimento: mapeando a pesquisa e a intervenção social LGBT no Brasil**. Journal of Studies in Citizenship and Sustainability, n. 2, 2017. ISSN: 2183-7252. Acessado em: 29/06/2017. Disponível em: <  
[http://civemorum.com.pt/artigos/1/JSCS.2\\_Pocahy&Dornelles\\_p123.138.pdf](http://civemorum.com.pt/artigos/1/JSCS.2_Pocahy&Dornelles_p123.138.pdf)>

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROSENO, Richard; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte; & POCAHY, Fernando. **Dissidências e regulação da/na sexualidade nas tramas do envelhecimento: cartografando redes de significados na pegação dos espaço-tempos dos grupos do Facebook**. III Seminário Internacional Desfazendo Gênero, Paraíba: Campina Grande, 2017.

SANTAELLA, Lúcia. **Ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade e ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Daniel Kerry; LAGO, Mara. **Cartografando estilizações do homoerotismo na velhice: pistas metodológicas nos estudos sobre sexualidades**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 27, n. 2, maio-ago. 2015, p. 95-106

SARAIVA, Karla. **A babel eletrônica - hospitalidade e tradução no ciberespaço**. In.: SKLIAR, Carlos (org). **Derrida & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 43-58, 2008.